

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário do Comércio (S.P.) Class.: A1

Data: 1 de Março de 1989 Pg.: _____

Política & Negócios

70 Amazônia, a nossa Malvinas

A Amazônia poderá transformar-se em curto prazo, se o debate a respeito de sua preservação mantiver o atual emocionalismo, no nosso "La Tablada". Pior do que isso, tal discussão tenderá a gerar uma onda de nacionalismo tardio e despropositado, o que, por sua vez, geraria as mesmas conseqüências que a Guerra das Malvinas gerou na Argentina.

De qualquer forma, no atual momento político, de abertura da campanha sucessória, o assunto Amazônia tenderá a ser usado para desviar a atenção das verdadeiras preocupações do Governo: a inflação, a saída do "Plano Verão" e o insucesso na tentativa de estabelecer um acordo com os credores externos, minimamente vantajoso para o País.

GUINADA A DIREITA

Da mesma forma que aconteceu na Argentina, onde a insatisfação com a crise econômica e com os sucessivos planos de estabilização levaram a população a optar por um discurso nacionalista, o que vem fortalecendo a candidatura do peronista Carlos Menem, no Brasil, o tema exploração e devastação da Amazônia poderá servir de pretexto para deslocar o eixo da sucessão do centro-esquerda para o centro-direita.

Caso isso venha a ocorrer, os candidatos do centro-esquerda terão que ter — mais do que nunca — habilidade, cabeça fria e bom senso para não se deixarem atropelar pelo discurso nacionalista tardio, que, com certeza, seus adversários do centro-direita e da direita, vão usar diante das câmeras de TV e dos microfones das rádios e dos palanques.

ELEITORADO

Se os candidatos à Presidência da República conseguirem empolgar o eleitorado com temas como áreas indígenas na Amazônia, "Calha" Norte, queimadas, contrabando de madeira, ouro e de minerais preciosos e estratégicos, então, gradualmente, o eixo da sucessão presidencial tenderá a beneficiar eleitoralmente candidatos do centro-direita e da direita.

Todavia, se, ao invés disso, o tema for discutido dentro do contexto da crise entre capitalismo central e periférico e de seus desdobramentos como endividamento externo, incapacidade de o Estado financiar grandes projetos de desenvolvimento nos países do Terceiro Mundo, deterioração das relações de troca das mercadorias produzidas e exportadas para as nações do Primeiro Mundo, aí, será difícil mudar o interesse do eleitor, que, em última análise, é o de saber se sua situação pessoal e a de seus filhos melhora ou não com a mudança de governo.

EFEITO MALVINAS

Independentemente da sucessão, contudo, a ausência de diálogo com os credores externos, agravada pela escassa credibilidade dos sucessivos planos de estabilização, poderá levar o País à estratégia do confronto com os credores, dentro da qual a discussão sobre a preservação da Amazônia é peça fundamental. Os resultados de tal atitude, provavelmente, seriam piores do que a moratória decretada pelo ex-ministro Dilson Funaro.

COMPLEXIDADE

O assunto Amazônia é muito complexo. Na verdade, poucas pessoas no mundo sabem, hoje, como conciliar a ocupação do solo, com a atividade econômica naquela vasta região. No entanto, todos dão palpites. Para discutir-se com o mínimo de racionalidade, é preciso antes esclarecer os seguintes pontos:

- 1.o) Quais são os interesses dos índios que habitam a região;
- 2.o) Quais são os interesses das empresas de mineração;
- 3.o) Qual é o papel desempenhado pela Igreja;
- 4.o) Se há ou não algo por trás do interesse das entidades preservacionistas internacionais;
- 5.o) A capacidade que elas têm de pressionar organismos como o Banco Mundial (Bird) e o Banco Interamericano do Desenvolvimento (BID).

Conhecidos estes cinco pontos, é preciso que o Governo dialogue com serenidade e seriedade com cada uma das partes interessadas. Afinal, se, de fato, todas elas querem preservar a região, nós, brasileiros também queremos. Portanto, é preciso conversar.